

UM SANTO PARA CADA DIA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sgarbossa, Mario.

S535s Um santo para cada dia / Mario Sgarbossa, Luigi Giovanni, [tradutor Onofre Ribeiro]. – São Paulo: Paulus, 1983.

ISBN 978-85-349-0168-0

83-1465

CDD-922.22

Índice para catálogo sistemático

1. Santos: Igreja católica: Biografia 922.22

MARIO SGARBOSSA - LUIGI GIOVANNINI

UM SANTO PARA CADA DIA



Título original
Il santo del giorno
© Edizioni San Paolo, Roma, 1978

Tradução
Onofre José Ribeiro

Revisão
H. Dalbosco

Adaptação para a edição brasileira
D. Bernardo Botelho Nunes

Impressão e acabamento
PAULUS



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.
Cadastre-se e receba informações
sobre nossos lançamentos e nossas promoções:
paulus.com.br/cadastro
Teleendas: (11) 3789-4000 / 0800 16 40 11

1ª edição, 1983
18ª reimpressão, 2018

© PAULUS – 1983

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 São Paulo (Brasil)
Fax (11) 5579-3627 • Tel. (11) 5087-3700
Tel.: (11) 5087-3700 • Fax: (11) 5579-3627
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-0168-0

PREFÁCIO

Cristo é o único mestre da verdade, o único modelo, o único mediador da vida do Pai. Não será, portanto, errado ver os santos como modelos e recorrer a eles como intercessores junto de Deus?

São Francisco de Sales responde: “O que são as vidas dos santos senão o Evangelho posto em prática?” Isso nos motivou a apresentar a vida de um santo para cada dia, certos de que seguiremos o conselho de Charles de Foucauld: “Observemos os santos, mas não fiquemos apenas na contemplação deles; procuremos, isto sim, contemplar com eles Aquele que preencheu suas vidas”.

Os santos que aqui apresentamos foram escolhidos, primeiramente, de acordo com o Calendário litúrgico romano renovado, de 1970, que apresenta cerca de 180 celebrações (quando ocorre a celebração de dois santos num só dia, a apresentação da vida de um deles é feita em outro dia). Essas celebrações são qualificadas pelo Calendário como solenidade, festa, memória (obrigatória) e memória facultativa. Para completar o ano, foram escolhidos outros santos retirados de calendários regionais (a celebração do santo se dá apenas em alguma região ou país) ou do Martirológico Romano.

Em todos os casos, especialmente nos provenientes do Martirológico Romano, procuramos eliminar fatos inverídicos ou alertar quando se trata de lenda.

Este livro pretende, pois, dar oportunidade ao leitor de passar um ano em companhia dos santos. Conhecendo nossos irmãos na fé, observando como viveram o Evangelho em épocas diferentes da nossa, mas semelhantes, certamente o nosso testemunho do Evangelho, dentro da história, será mais autêntico e mais intenso. Confiantes na força da semente que já floriu muitas vezes, nós vivemos hoje procurando fazer reflorescer a Palavra de Deus.

JANEIRO

1º de janeiro

Maria Santíssima, Mãe de Deus

(solenidade)

A solenidade de Maria Santíssima, Mãe de Deus, é a primeira festa mariana que apareceu na Igreja ocidental. Originariamente a festa nasceu para substituir o costume pagão das *strenae* (dádivas), cujos ritos não condiziam com a santidade das celebrações cristãs. A Natividade de Santa Maria começou a ser festejada em Roma no século IV, provavelmente junto com a dedicação de uma das primeiras igrejas Marianas de Roma: a de Santa Maria Antiga no Foro Romano, ao sul do templo dos Castores. Sua liturgia estava ligada à do Natal. O dia primeiro de janeiro foi chamado de na oitava do Senhor. Lembrando o rito que se cumpriu oito dias após o nascimento de Jesus, proclamava-se o evangelho da circuncisão. A circuncisão dava nome também à festa que inaugurava o ano novo. A última reforma do calendário trouxe ao dia primeiro de janeiro a festa da maternidade divina. Desde 1931 essa festa era celebrada no dia onze de outubro, lembrando o concílio de Éfeso (431) que proclamou solenemente uma das verdades mais caras do povo cristão: Maria é verdadeira Mãe de Cristo, que é verdadeiro Filho de Deus.

Nestório teve a ousadia de declarar: “Porventura pode Deus ter mãe? Nesse caso não podemos condenar a mitologia grega, que atribui mãe aos deuses”. São Cirilo de Alexandria, porém, havia replicado: “Dir-se-á: a virgem é mãe da divindade? Ao que respondemos: o Verbo vivo, subsistente, é gerado pela própria substância de Deus Pai, existe desde toda a eternidade... Mas ele se encarnou no tempo e por isso pode-se dizer que nasceu da mulher”. Jesus, Filho de Deus, nasceu de Maria.

É deste sublime e exclusivo privilégio que derivam à Virgem todos os títulos que lhe atribuímos. Também podemos fazer, entre a santidade individual de Maria e sua maternidade divina, distinção

sugerida pelo próprio Jesus Cristo: “Uma mulher levantou a voz do meio da multidão e lhe disse: ‘bem-aventurado o ventre que te trouxe e os peitos que te amamentaram’. Mas Jesus replicou: ‘Mais bem-aventurados são os que ouvem a palavra de Deus e a praticam’ ” (Lc 11,27).

Na realidade, “Maria, filha de Adão, consentindo na palavra divina, se fez Mãe de Jesus. E abraçando a vontade salvífica de Deus com todo o coração, não retida por nenhum pecado, consagrou-se totalmente como serva do Senhor à pessoa e obra do seu Filho, servindo sob ele e com ele, por graça de Deus onipotente, ao mistério da redenção” (*Lumen gentium*, 56).

Deus se fez carne por meio de Maria, começou a fazer parte de um povo, constituiu o centro da história. Ela é o ponto de união entre o céu e a terra. Sem Maria desencarna-se o Evangelho, desfigura-se e transforma-se em ideologia, em racionalismo espiritualista.

Paulo VI assinala a amplidão do serviço de Maria com palavras que têm eco muito atual em nosso Continente: “Ela é a mulher forte que conheceu a pobreza e o sofrimento, a fuga e o exílio (cf. Mt 2,13-23); situações estas que não podem escapar à atenção de quem quiser dar apoio, com espírito evangélico, às energias libertadoras do homem e da sociedade. Apresentar-se-á Maria como a mulher que com a sua ação favoreceu a fé da comunidade apostólica em Cristo e cuja função materna se dilatou, vindo a assumir, no Calvário, dimensões universais” (*Puebla*, 301 e 302).

2 de janeiro

Santos Basílio Magno e Gregório Nazianzeno

Bispos e doutores da Igreja (memória)

Hoje diríamos que são Basílio era um *homem de sorte*, pois sua família contava com grande número de santos: sua avó Macrina, a mãe Emélia, a irmã Macrina e os irmãos Pedro, bispo de Sebaste e Gregório, bispo de Nissa. Além disso foi amigo íntimo de outro santo: Gregório Nazianzeno. Eles estão juntos no calendário litúrgico porque tiveram as mesmas aspirações à santidade, os mesmos níveis culturais e alimentaram a mesma chama de vocação à vida monástica. Aliás, são Basílio é pioneiro da vida cenobítica no Oriente: no ano 358 juntamente com o seu amigo, num retiro solitário em Neocesareia no Ponto, redigiu duas importantes *Regras* que orientam a vida dos monges, que por causa dele foram chamados *basilianos*.

Como aconteceu também a outras ilustres personagens, pôde desfrutar bem pouco tempo da solidão e do silêncio, tão caros ao seu coração. Ordenado sacerdote e depois chamado para reger a diocese de Cesareia da Capadócia, teve de empenhar-se na defesa do dogma cristão contra o arianismo, que se tornara forte graças ao apoio do imperador Valente. Basílio recolheu assim a herança de santo Atanásio e, como este, soube apoiar-se na autoridade do pontífice romano para debelar o erro. Não foi, porém, seu empenho doutrinal que lhe mereceu, em vida, o apelido de *Magno* (grande). Isso foi por causa da sua intensa atividade pastoral, de suas vibrantes homilias, de seus vigorosos opúsculos, como a *Carta aos jovens* e rico *Epistolário*.

O tema por ele preferido e enfocado era o da caridade concreta: ajudar aos irmãos necessitados. Dirigia-se a um interlocutor imaginário: “A quem fiz injustiça conservando o que é meu? Dizes tu? Diga-me, sinceramente, o que te pertence? De quem o recebeste? Se cada um se contentasse com o necessário e desse aos pobres o supérfluo, não haveria nem ricos nem pobres”. Ele não se contentava com palavras: às portas da cidade de Cesareia deu vida a um verdadeiro *reino da caridade* com hospícios, asilos, hospitais, laboratórios e escolas artesanais.

São Gregório Nazianzeno nasceu no mesmo ano que são Basílio (330). Sobreviveu dez anos ao amigo (morreu em 379). Homem de estudo e poeta, pela sua excelente doutrina e inflamada eloquência recebeu a alcunha de *teólogo*. É famoso o seu apaixonado *Discurso de adeus*, proferido quando teve de abandonar Constantinopla por causa das tramas de seus adversários. Escreveu em seus *Poemas morais*: “Tudo é instável para que amemos as coisas estáveis”.

3 de janeiro

Santa Genoveva

virgem

O nome de santa Genoveva e a devoção a ela não devem ser confundidos com sua homônima lendária de Brabante. Ela é muito popular na França, especialmente em Paris, de onde é a padroeira. A vida da santa parisiense é narrada na *Vida de Genoveva*, escrita cerca de vinte anos após a sua morte. Essa biografia, considerada hoje como documento autêntico, embora não de todo genuíno, tem o tom modesto de quem escreve para fins edificantes, mas consegue colocar a santa numa moldura histórica precisa.

Nascida em Nanterre (nas proximidades de Paris) pelo ano 422, foi consagrada a Deus aos seis anos por são Germano de Auxerre, quando se dirigia à Inglaterra, onde se alastrava a heresia pelagiana. Aos quinze anos Genoveva consagrava-se definitivamente a Deus. Passou a fazer parte de um grupo de jovens consagradas a Deus. Vestiam um hábito que as distinguia das outras mulheres, mas não viviam em convento. Moravam em suas próprias casas dedicando-se às obras de caridade e de penitência. Genoveva levava tudo muito a sério: jejuava frequentemente e, quando podia, retirava-se procurando renovar sua vida espiritual.

Tinha apenas trinta anos quando se envolveu na vida política: em 451 Paris estava sob a ameaça dos *hunos de Átila*. Os parisienses queriam fugir, mas Genoveva os convenceu a ficarem na cidade, confiando na proteção divina. Assim aconteceu, mas a santa correu o risco de ser linchada pelos mais medrosos. Expulsos os bárbaros, sobreveio a carestia. Genoveva tomou então um barco, foi pelo Sena e procurou alimentos junto aos camponeses, depois os distribuiu generosamente. Uma digna ancestral de santa Joana D'Arc! Valeu-se da sua amizade com o rei Clóvis para obter anistia para numerosos prisioneiros políticos.

Quando morreu, em 502 mais ou menos, edificaram sobre seu túmulo, modesto oratório de madeira que foi a semente de célebre abadia construída por Luís XV, depois transformada em basílica. Era particularmente invocada por ocasiões de grandes calamidades, como epidemias, para implorar a chuva ou contra as inundações do Sena. Os jacobinos da Revolução francesa destruíram-lhe parcialmente as relíquias e profanaram a basílica transformando-a no famoso *Panteon*, mausoléu dos franceses ilustres. Porém, o culto de santa Genoveva continuou na igreja de santo Estêvão do Monte.

4 de janeiro

Santa Ângela de Foligno

religiosa

A Igreja atribui-lhe o título de beata e sua memória é celebrada hoje pela Ordem franciscana da cidade de Foligno. O povo porém invoca-a com o nome de santa há muitos séculos. Ângela nasceu em 1248 na pequena cidade de Foligno. É uma das primeiras místicas italianas. Quando jovem, como sua contemporânea Margarida de Cortona,

entregou-se às vaidades femininas, tendo teor de vida tranquila e folgada numa casa não de muito luxo, mas decorosa, juntamente com seu marido e filhos.

Não lhe faltaram também graves culpas morais culminadas numa série de comunhões e confissões sacrílegas. Aos 37 anos de idade, porém, mudou radicalmente seus costumes de vida. A morte do marido e dos filhos trouxe-lhe grandes dores e provações. Nessas trágicas circunstâncias mostrou uma força de alma acima do comum. No ano de 1285 são Francisco lhe apareceu em sonho e exortou-a a percorrer com coragem o caminho da perfeição. Ângela ingressou na Ordem Terceira de são Francisco e no ano de 1291 emitiu os votos religiosos. Empreendeu a peregrinação até Assis. Essa peregrinação deixou-lhe na alma um traço profundo. Foi durante essa viagem que Ângela teve experiências místicas desconcertantes, cuja testemunha foi o seu próprio confessor e parente, o beato Arnaldo de Foligno. Ele temeu, e pensando tratar-se de fenômenos diabólicos, obrigou a santa a contar-lhe suas experiências interiores.

A necessidade de iluminar as profundezas desta alma invadida pela graça deu assim origem a um dos mais preciosos livros sobre as experiências místicas de uma alma favorecida por Deus de modo especial. A autobiografia que a santa ditava em dialeto úmbrio era imediatamente traduzida em cristalino latim escolástico. Em *trinta passagens* Ângela ditou o que acontecia na sua alma, desde o momento da conversão até 1296, quando essas manifestações místicas tornaram-se menos frequentes e deram lugar a novas manifestações espirituais, de modo especial àquelas da *maternidade espiritual* que concentrou ao redor de Ângela um verdadeiro cenáculo de almas desejosas de perfeição.

Para elas a bem-aventurada enviava numerosas cartas e redigia-lhes também as *Instruções salutare*s. A pobreza, a humildade, a caridade e a paz eram os seus grandes temas: “O supremo bem da alma é a paz verdadeira e perfeita... Quem quer, portanto, perfeito repouso trate de amar a Deus com todo o coração, pois Deus mora no coração. Ele é o único que dá e que pode dar a paz”.

A *mestra dos teólogos* morreu em Foligno em 1309.

5 de janeiro

Santos Emiliana, Tarsila e João N. Neumann

religiosos

Nesta data, reunimos a lembrança de duas santas e de um santo. Todos eles, apesar de diferentes, manifestam a universalidade da salvação e do chamado à santidade. A nobre e senatorial família romana Anícia teve o privilégio de dar à Igreja o papa são Gregório Magno, “pequeno no tamanho e grande no valor”, como disse Mommsen, comparando a pequena estatura física e saúde frágil à grandeza espiritual e às excelentes qualidades de homem de governo. Tomaram parte na formação do menino o pai, senador Gordiano, a mãe, santa Sílvia, as duas tias paternas: Tarsila e Emiliana (ou Amélia).

O próprio são Gregório Magno fala-nos de suas tias comentando a passagem do Evangelho onde Jesus diz que são muitos os chamados e poucos os escolhidos. Conta-nos o santo que uma terceira tia, Gordiana, juntamente com Emiliana e Tarsila, haviam decidido consagrar-se ao Senhor, levando uma vida ascética na casa paterna. Porém, só as primeiras duas tinham sabido perseverar e progredir no caminho da santidade e da fidelidade à vocação. A tia Gordiana, ao contrário das outras, foi, pouco a pouco, voltando aos costumes mundanos. Abandonou a virgindade e casou-se com seu administrador.

São Gregório refere-nos um episódio engraçado sobre as tias: alguns dias após a morte de Tarsila, Emiliana ouviu da irmã este convite: “Festejei o Natal do Senhor sem você, mas venha para que possamos juntas festejar a santa Epifania”. Não sabemos ao certo a data da morte de Emiliana, mas a tradição diz que foi precisamente no dia cinco de janeiro, véspera da Epifania.

Em outro cinco de janeiro, já bem mais perto de nós (em 1860), morria em Filadélfia, nos EUA, aquele que o povo carinhosamente chamava de “o nosso bispinho”, João Nepomuceno Neumann. Morreu enquanto cumpria um gesto de delicadeza para com um seu presbítero. A fim de participarem da sua glorificação, 30.000 pessoas atravessaram o oceano em junho de 1977. A cerimônia da sua canonização foi transmitida, via satélite, para o mundo todo. Neumann chegara aos Estados Unidos em junho de 1836, após 40 dias de viagem marítima. Em sua diocese de origem, na Boêmia, não havia necessidade de padres. Foi o pioneiro das escolas paroquiais americanas.

6 de janeiro

Epifania do Senhor

solenidade

A origem oriental desta solenidade está implícita no seu nome: *Epifania* (revelação, manifestação). Os latinos usavam a denominação *festividade da declaração* ou *aparição* com o significado de revelação da divindade de Cristo ao mundo pagão através da adoração dos magos, aos judeus com o batismo nas águas do Jordão e aos discípulos com o milagre das bodas de Caná. O episódio dos magos, que está além de possível reconstrução histórica, podemos considerá-lo, como o fizeram os Padres da Igreja, o símbolo e a manifestação do chamado de todos os povos pagãos à vida eterna. Os magos foram a declaração explícita de que o Evangelho era para ser pregado a todos os povos.

Na Igreja oriental é focado particularmente o batismo de Jesus. São Gregório Nazianzeno chama-a de “festa das luzes” e a contrapõe à festa pagã do *sol invicto*. Na realidade, tanto no Oriente como no Ocidente, a Epifania tem o caráter de solenidade ideológica que transcende os episódios históricos particulares. Celebra-se a manifestação de Deus aos homens na pessoa do Filho, isto é a primeira fase da redenção. Cristo se manifesta aos pagãos, aos judeus e aos apóstolos. São três momentos sucessivos do relacionamento Deus-homens.

Ao pagão Deus fala através do mundo visível; o esplendor do sol, a harmonia dos astros, a luz das estrelas no firmamento ilimitado são portadores de certa presença de Deus. Os *magos* descobriram no céu os sinais de Deus. Tendo como ponto de partida a natureza, os pagãos podem “cumprir as obras da lei”, diz São Paulo. E aos habitantes de Listra: “... o Deus vivo, que fez o céu, a terra, o mar e tudo quanto neles há. Ele permitiu nos tempos passados que todas as nações seguissem os seus caminhos. Contudo, nunca deixou de dar testemunho de si mesmo, por seus benefícios: dando-vos do céu as chuvas e os tempos férteis, concedendo abundante alimento e enchendo os vossos corações de alegria” (At 14,15-17). Mas “ultimamente falou-nos por seu Filho, que constituiu herdeiro de tudo, por quem igualmente criou o mundo” (Hb 1,2). Os numerosos mediadores da manifestação divina encontram seu término na pessoa de Jesus de Nazaré, no qual resplandece a glória de Deus. Por isso, podemos hoje exprimir “a humilde, trepidante, mas plena e jubilosa profissão de nossa fé, de nossa esperança e de nosso amor” (Paulo VI).

7 de janeiro

São Raimundo de Peñafort

sacerdote (memória facultativa)

Gregório IX teve-o como precioso colaborador durante seis anos. Quando porém lhe comunicou sua intenção de nomeá-lo arcebispo de Tarragona, Raimundo ficou tão consternado a ponto de cair gravemente enfermo. O humilde e douto frade, nascido entre 1175 e 1180, se esforçara para evitar honrarias e prestígio, mas nem sempre conseguiu. Renunciando a vida folgada e alegre (era filho do nobre castelão de Peñafort, na Catalunha) dedicou-se muito cedo aos estudos filosóficos e jurídicos. Aos vinte anos ensinava filosofia em Barcelona e aos trinta, recém-laureado, ensinava jurisprudência em Bolonha. Excepcionalmente recebia do município um salário que se dispersava imediatamente em numerosas direções para aliviar e socorrer os indigentes. Voltou a Barcelona a convite do seu bispo em 1220. Foi nomeado cônego e recebeu do amigo Pedro Nolasco o convite para redigir as *Constituições* da nascente Ordem dos Mercedários. Mas quando os dominicanos, já dele conhecidos em Bolonha, chegaram a Barcelona, Raimundo abandonou tudo para vestir o hábito alvinegro. Dezesseis anos mais tarde (1238) tornou-se o terceiro mestre geral da Ordem, cargo que não pôde recusar. Por dois anos visitou a pé os conventos da Ordem. Depois reuniu o capítulo geral em Bolonha onde conseguiu demitir-se. Pôde assim, aos setenta anos, voltar ao ensino e ao cuidado das almas.

Aceitando o cargo de confessor do rei Tiago de Aragón, não titubeou em reprovar seu comportamento escandaloso numa expedição à ilha de Maiorca. Conta-se que, tendo o rei proibido a todas as embarcações de velejar para o continente, Raimundo, querendo discordar do soberano, estendeu o manto sobre as águas e chegou até Barcelona sobre essa estranha barca a vela.

Uma de suas obras apostólicas mais digna de nota são as missões para a conversão dos judeus e dos maometanos estabelecidos na Espanha. Segundo a tradição foi ele que convidou santo Tomás de Aquino a escrever a *Suma contra os Gentios*, para que seus pregadores pudessem recorrer a argumentos sólidos nas controvérsias com os hereges e os infiéis. Ele mesmo redigiu importantes obras de teologia moral e de direito. Uma delas é a *Suma de casos* para administração correta e frutífera do sacramento da reconciliação. Tinha quase cem anos quando morreu (1275). Foi canonizado em 1601.